



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

**MEMÓRIA E TRAUMA: O COMPORTAMENTO DA FIGURA FEMININA NAS
NARRATIVAS CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA**

GEYSE LOPES MONTEIRO

ORIENTADORA: Dra. GLEIDYS MEYRE DA SILVA MAIA

PARINTINS/AM

2024



GEYSE LOPES MONTEIRO

**MEMÓRIA E TRAUMA: O COMPORTAMENTO DA FIGURA FEMININA NAS
NARRATIVAS CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)
Orientadora

Dra. Patrícia Christina dos Reis (UEA)
Membro interno

MSc. Dilce Pio Nascimento (UEA)
Membro interno

PARINTINS – AM

2024

MEMÓRIA E TRAUMA: O COMPORTAMENTO DA FIGURA FEMININA NAS NARRATIVAS CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA.

Geyse Lopes Monteiro¹
Orientadora: Gleidys Meire da Silva Maia²

RESUMO: O presente estudo visa analisar as memórias do trauma e o comportamento das figuras femininas nas obras literárias portuguesas *Emá* de Maria Teresa Horta (1984) e *Desamparo* de Inês Pedrosa (2016). A análise da pesquisa tem como apoio o pensamento teórico de Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva, a relação de memória e história levantada por Pierre Nora (1993), como também as questões que Sandra Jatahy Pesavento coloca entre história e literatura (2003), nas representações do trauma estão os estudos Cathy Caruth (2000), além dos questionamentos sobre gêneros iniciados por Simone Beauvoir (1993), a luta contra o patriarcado e o sexismo de Bell Hooks (2022). Formam o palco teórico em que este estudo se apoia. A abordagem metodológica aplicada é qualitativa bibliográfica, instruída a partir do método dialético, e da literatura comparada.

Palavras-chave: Memória. Trauma. Subalternidade. Violência. Figura feminina. -

Abstract: The present study aims to analyze the memories of trauma and the behavior of female figures in the Portuguese literary Works *Emá* by Maria Teresa Horta (1984) and *Desamparo* by Inês Pedrosa (2016). The research analysis is supported by the theoretical thinking of Halbwachs (2006) on collective memory, the relationship between memory and history raised by Pierre Nora (1993), as well as the questions that Sandra Jatahy Pesavento poses between history and Literature (2003), in the representations of trauma are the studies Cathy Caruth (2000), in addition to the questions about genders initiated by Simone Beauvoir (1993), the fight against patriarchy and sexism by Bell Hooks (2022). They form the theoretical stage on which this study is based. The methodological approach applied is qualitative bibliographic, based on the dialectical method and comparative literature.

Keywords: Memory; Trauma; Subalternity; Violence; Female figure.

INTRODUÇÃO

O tema memorialismo ficcional e a relação entre literatura e história sobre a subalternidade feminina surgiu das indagações da pesquisadora após leituras e análises de obras no âmbito acadêmico, observações em locais públicos, conversas, diálogos informais com mulheres, como também experiências pessoais, que conduziram para os questionamentos: Quais foram os motivos para o silenciamento da figura feminina? Qual o motivo de existir a violência contra a mulher? Tudo que a sociedade sabe sobre a história do gênero feminino, foi escrito na maior parte por homens, e pouco se fala sobre a lutas das mulheres em relação aos seus direitos, e quem lembra as conquistas e faz questão de ressaltar em sua maioria são as ativistas feministas. Então, se existe pouca visibilidade em relação ao direito das mulheres, qual a possibilidade de existir um mundo sem desigualdade de gênero? Esses questionamentos se

¹ Acadêmica do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: geylopes17@gmail.com

² Prof^a. Dra. do Colegiado do Curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: mulamarmela@gmail.com

intensificaram após a leitura das obras portuguesas *Ema* de Maria Teresa Hora (1984) e *Desamparo* de Inês Pedrosa (2016).

As obras *Ema* (1984) e *Desamparo* (2016) têm uma temática em comum que é a violência contra a mulher. Um tema recorrente e bastante atual. Sendo que *Ema* (1984) e *Desamparo* (2016) são narrativas construídas através das memórias, porém, apenas as memórias do trauma serão analisadas aqui. Quanto à subalternidade da figura feminina será analisado o comportamento das três mulheres chamadas Ema, na obra homônima. Em *Desamparo* (2016) as personagens escolhidas foram Jacinta Souza e Vanessa.

A pesquisa tem como apoio os pensamentos de Cathy Caruth (2000) sobre o trauma e como isso se manifesta; os estudos de Halbwachs (2006, 1990) em relação a memória coletiva; Pierre Nora (1993) com a memória e a história; as pesquisas de Sandra Jatahy Pesavento (2003) em relação a literatura e a História; sobre a luta contra o patriarcado e o sexismo por Bell Hooks (2022), e as questões de desigualdade de gênero estudadas por Simone Beauvoir (1993). Autores que debatem sobre a memória, a literatura, história, patriarcado, o feminismo, e as questões de gênero.

O objetivo da pesquisa é entender a subalternidade das figuras femininas nas obras *Ema* de Maria Teresa Horta (1984) e *Desamparo* de Inês Pedrosa (2016) através da memória fictícia do trauma das personagens femininas, considerando o contexto histórico e a memória coletiva enquanto influenciadores na construção do sexismo sobre a figura feminina. O presente estudo também interliga o mundo fictício à realidade para debater sobre as violências sofridas por mulheres reais e discorre sobre as mudanças ocorridas desde a publicação da obra *Ema* (1984) até a publicação de *Desamparo* (2016)

1. A LITERATURA E A HISTÓRIA.

A literatura apresenta em muitas narrativas um contexto histórico, em que os escritores (as) abordam temas que mais prevaleceram naquele período ou situações recorrentes pouco faladas. Como acontece nas obras portuguesas *Ema* de Maria Teresa Horta (1984) e *Desamparo* de Inês Pedrosa (2016).

Na história o período no qual a obra foi escrita é mais importante que a própria narrativa, segundo Sandra Jatahy Pesavento (2003, p.33)

Ainda como desdobramento desta compreensão da História que a aproxima da Literatura, temos o entendimento de que ambas as narrativas realizam a configuração de um tempo. Seja este o que se passou, no caso da História, ou que poderia ter se passado, mas que realmente se passa, para a voz narrativa da Literatura, este tempo se

constrói como uma nova temporalidade, nem presente nem passado, mas que ocupa o lugar do passado e, no caso da História, a ele se substitui. É este presente da escrita que inventa um passado ou constrói um futuro, para melhor explicar-se. Nesta medida, o momento da feitura do texto torna-se essencial para o entendimento das ações narradas, sejam elas acontecidas ou não.

A história é uma narrativa que busca conhecer e descrever o passado, construindo enredos, para que assim consiga levar o leitor a entender o que de fato aconteceu, a história sempre busca os fatos mais plausíveis, e aqueles mais próximos da verdade. Sabe-se que é impossível voltar ao passado e descrever detalhe por detalhe, e por esse motivo a literatura torna-se um meio de estudo e pesquisa, ela nunca está presa no passado e muito menos no presente.

No período da ditadura Salazarista, a literatura portuguesa passou por muitas censuras, pelo fato de que as leis impostas em Portugal foram criadas para limitar a liberdade de expressão, influenciadas pela igreja católica, não foram apenas em textos como também nos rádios, no cinema e no teatro. A literatura portuguesa contemporânea, no final da ditadura Salazarista, estava focada na sociedade. No séc. XX o cenário mundial era de fragilidade, passando por duas guerras mundiais, crise econômica, uma guerra fria e muitos outros momentos históricos. E segundo Pesavento todos esses eventos foram importantes para que a história e a literatura estivessem juntas por uma causa:

Nos anos 60 e 70 do século XX, a Literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social, cabendo também à História um perfil crítico e politicamente correto, na sua missão de denúncia das injustiças sociais. Ambas se colocavam a serviço de uma causa, que definia assim o *seu* valor e positividade.” (Pesavento,2003, p.32)

A literatura e a história unidas apresentam as injustiças para o leitor de maneira simples, com a imaginação, para que todos possam compreender a mensagem que uma determinada obra está tentando transmitir. As obras literárias não são apenas fruto da imaginação de um escritor ou de uma escritora, elas estão sempre transmitindo mensagens.

A década de 80, precisamente no ano de 1984, ano da publicação da obra *Emá* de Maria Teresa Horta, foi um período de mudanças, depois de longos anos de ditadura (1933-1974), porém, a obra *Emá* (1984) apresenta uma narrativa de mulheres que sofrem e sofreram em consequência da ditadura.

A escritora portuguesa Maria Teresa Horta na obra *Emá* (1984) cria uma narrativa com personagens femininas subalternizadas. A escritora faz uma denúncia sobre a forma como a mulher é silenciada e violentada pelo homem patriarcal. Ao criar um mundo fictício na obra

Ema (1984) Maria Teresa Horta cria uma narrativa atemporal, a violência patriarcal não começa durante a feitura da obra, a violência contra a mulher acontece por séculos, antes de Maria Teresa Horta ter a chance de publicar a obra *Ema* (1984).

Quando a escritora portuguesa Inês Pedrosa publica a obra *Desamparo* em 2016 no Brasil, e apresenta mulheres que tiveram um cargo de trabalho para sobreviver, como Jacinta Souza a modista, Vanessa que trabalha como faxineira, etc. A escritora Inês Pedrosa representa mulheres que buscam pela independência e travam uma batalha para conquistar o próprio espaço, são mulheres que além de trabalhar fora de casa, são mães. E estão conectadas por um personagem masculino chamado Raul, Jacinta por ser a mãe dele e Vanessa por tê-lo conhecido na danceteria Princesa. Os três personagens estão conectados, e o que os conecta é a sobrevivência.

1.1 A EDUCAÇÃO NA FAMÍLIA PATRIARCAL: COMO SUBALTERNIZAR UMA MULHER.

Na obra *Ema* de Maria Teresa Horta (1984) são apresentadas três personagens femininas chamadas Ema. Apesar de possuírem o mesmo nome cada uma tem destinos diferentes: A primeira Ema é a avó assassinada pelo marido, a segunda a mãe que foi internada em um hospital psiquiátrico, e a terceira, a filha assassina. O papel da terceira Ema é contar alguns acontecimentos violentos, narrar os momentos que ela se sente só e dizer qual foi o destino da avó, mãe e do esposo.

A terceira Ema explica também o motivo de receber esse nome “(...) deram-me o nome de Ema como de minha avó: mãe de que mãe? Estive a morrer sabe? Estive a morrer à nascença. Batizaram-me à pressa e deram-me o nome de Ema.” (Horta, 1984, p. 13). Tanto a mãe quanto o pai não tiveram a delicadeza de escolher outro nome para a filha, dando a entender que os pais não desejavam ter uma filha.

Alguns casais sempre vão preferir um filho em vez de uma filha, a justificativa para isso varia de cada casal. Na situação de Ema nascer menina é uma maldição. Quando se nasce menina o processo de educação é diferente do menino. Em uma família patriarcal a menina nasce para ser subalterna “- Antes assim. Menina em casa de seu pai, obedece. Como mulher deverá um dia obedecer em casa de seu marido” (Horta, 1984, p. 42). Com essas palavras da mãe de Ema, a ideia de a mulher ter a obrigação de ser obediente ao pai e o futuro esposo não é de nenhuma maneira sensata, a palavra obediência apaga todos os direitos de uma pessoa. A diferença de ser educada e ser obediente é que um significa ser gentil e outro dócil e submisso.

A educação que a mãe de Ema ensina para a filha a transforma em uma mulher submissa, ao casar Ema vai seguir os mesmos passos da avó e da mãe, ela vai se sujeitar às ordens do marido recriando as cenas de violência. “Como no tempo da avó: Ema tropeça nos saltos quando corre no escuro à espera que ele lhe dê as suas ordens. Desejos que tratará de cumprir mesmo que isso lhe dê sofrimento. Mesmo que isso a repugne.” (Horta, 1984, p. 44). Ema não quer passar por essa humilhação, mas esse é o modo de ser que ela foi ensinada, a mãe de Ema criou a filha para sofrer, mas não é a culpa da mãe que a filha esteja sofrendo. A culpa é de quem fez e faz as mulheres pensarem que elas precisam ser obedientes, como se precisassem ser domesticas e dominadas pelos homens. Segundo Bell Hooks (2022, p. 13-14):

O homem, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres e deveriam nos controlar. Mas esses benefícios tinham um preço. Em troca de todas as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso da violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto.

O homem patriarcal acredita ser superior à mulher porque assim lhe foi ensinado. A educação que o filho recebe é através do pai e de um grupo de pessoas beneficiadas por essa ideia. Felizmente, não são todos os homens que seguem o plano de oprimir as mulheres, mas os que aceitam traumatizam as esposas e as filhas; a incapacidade de perceber a maldade os torna pessoas cruéis e ignorantes.

Por serem egoístas é quase impossível tirá-los desse sistema de ideias, porque ao sair perderiam todos os benefícios. Enquanto isso mães subalternizadas continuam a sofrer e ensinam suas filhas a serem submissas, criando um ciclo de eventos traumáticos.

É exatamente o que acontece com Ema: ao buscar por ajuda materna, não a recebe. Ema começa a entender que problema não é apenas o marido. “- Que mal tem? É homem! A mãe sorri troçando. E o coração de Ema para de bater por segundos. De medo. A quem deve pedir auxílio?” (Horta, p. 46, 1984). É decepcionante que uma mãe consiga rir da situação que a própria filha está passando e não considerar isso banal.

A mãe antes de qualquer pessoa deveria ser o ponto de apoio da filha, o acolhimento depois de passar por uma violência é essencial, a vítima precisa entender que ela não está sozinha e o colo materno a ajudaria. A ideia de ser inferior ao homem consumiu a mãe de Ema, por esse motivo não pôde ajudar. É triste, mas quando uma mulher é por tanto tempo ensinada a ser obediente, não consegue ter opinião própria sobre os eventos que a rodeiam, então começa a aceitar, não porque quer.

Quando Ema conta que sente nojo a resposta da mãe é “- O nojo calca-se. Aprenda a disfarçar.” (Horta, 1984, p.47) Ao disfarçar que está bem depois de uma violência Ema mostra ao esposo o quanto é aceitável a forma como ele a controla, Ema tem tanto medo de se opor e dizer para o esposo que ele a machuca. “Aquilo de que meu marido mais gostava em mim era a minha descrição- como ele dizia. A minha descrição, calcule!” (Horta, 1984, p. 89). A mulher quando precisa de ajuda procura por outra para se sentir confortável para dizer o que está acontecendo, ter empatia é o que as fazem criar laços, porém, não são todas as mulheres que conseguem praticar a sonoridade. Segundo Bell Hooks (2022, p. 29):

Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras.

A mulher consegue ser tão cruel quanto o homem. Quando uma mulher não consegue ter empatia com outra mulher, é mais um ponto para o pensamento sexista. A mulher precisa de outras mulheres para se sentir acolhida, a sororidade precisa ser praticada, mulheres não nasceram para ser rivais, apesar de serem ensinadas a disputarem uma com as outras. Ema precisava de outras mulheres para sentir que não estava sozinha, não mulheres subalternas, mas aquelas que estavam fora da bola do patriarcado.

1.2 SALAZARISMO E PATRIARCADO: HERANÇA MALDITA

No período pós-salazarista a família era a base de tudo, principalmente para o patriarcado. Se pensarmos no ambiente no qual a mãe e a avó de Ema nasceram e cresceram o patriarcado estava impregnado na mente da sociedade, os homens utilizavam de todos os benefícios para reprimir as esposas para que elas entendessem qual era o papel delas dentro e fora de casa. A subalternidade estava tão presente na geração de mulheres da família de Ema que ela mostra que tudo que está acontecendo com ela já aconteceu antes:

Já a outra minha avó de quem nos vem o nome – de mulher para mulher em cada geração – a avó perdida no tempo, há séculos morta, assassinada, havia tido um natal de veneno e de ódio; como eu? Há uma carta sua guardada numa caixa forrada a veludo que uma tia minha guardou vinda da avó de sua avó de quem a minha avó Ema era prima e amiga. (Horta, 1984, p. 126)

O Salazarismo teve um papel para que as mulheres fossem subalternizadas, como também o patriarcado que gozou dos prazeres de dominar as mulheres. E através desse domínio

e submissão criou-se uma suposta família ideal, o objetivo era repassar para os outros uma família perfeita, um exemplo a ser seguido, infelizmente nem tudo o que parece bom e feliz realmente é, caso fosse assassinatos “inesperados” não ocorreriam.

A morte da avó de Ema é um exemplo. Quando uma sociedade segue um padrão, em que apenas um é favorecido, as consequências são gigantes. As consequências na geração de Ema foram mulheres que tinham medo, mas não conseguia dizer, no casamento foram controladas e eram submissas, foram mulheres infelizes, esse ciclo vicioso vem da família. Porém, ser submissa não está no DNA das mulheres, é o que a Terceira Ema apresenta quando afirma não querer ter o mesmo destino “Acredita que possamos viver a várias vezes a mesma vida? Pois eu recusei-me a viver a mesma morte. Acredita?” (Horta, 1984, p.126) Quando Ema recusa ter a mesma morte, ela começa a tentar quebrar um ciclo. Sair do patriarcado é difícil, principalmente quando toda a família compartilha dessa ideia.

O patriarcado entra na mente da mulher para que ela entenda o quanto é fraca diante do homem, e que ambos são seres diferentes que não podem trabalhar juntos para construir um ambiente agradável para os dois. Com essa ideia as mulheres são extremamente desvalorizadas e perdem todos os seus direitos, enquanto o patriarcado continua a ganhar.

1.3 CASAMENTO E VIOLÊNCIA PATRIARCAL: MULHERES INVISÍVEIS

O amor na cultura patriarcal envolve domínio e submissão, ao refletir sobre esse assunto o relacionamento da avó de Ema, da mãe e da própria protagonista com o esposo são exemplos de um relacionamento que mulheres e homens precisam evitar. A avó de Ema por ser a primeira Ema na árvore genealógica das mulheres da família chamada “Ema” e também o centro de desenvolvimento da narrativa, ela carrega um histórico grande de violência. Não que as mulheres depois dela não tenham sofrido bastante, mas é preciso lembrar que a avó de Ema foi assassinada pelo esposo. Bell Hooks (2018, p. 146-147)) declara que:

O amor romântico, da forma como na maioria das pessoas compreende na cultura patriarcal, faz uma pessoa ficar inconsciente, torna-a fraca e descontrolada. Pensadoras feministas chamaram atenção para a maneira como essa noção de amor serviu aos interesses de homens e mulheres patriarcais. Sustentava a noção de que uma pessoa pode fazer qualquer coisa em nome do amor: bater em pessoas, restringir movimentos e até mesmo matá-las e chamar de “crime passional”, alegar “eu a amava tanto que precisei matá-la”.

O amor na cultura patriarcal tem como consequência a morte ou o trauma, nada de bom vem de um relacionamento patriarcal. Para Bell Hooks o amor patriarcal não é saudável, porque

proíbe que o outro viva. O amor que para muitos é visto como belo, para mulheres e homens patriarcais é sobre submissão e controle.

Na obra *Ema* (1984) a mulher não tem direito de opinar sobre a própria vida e o corpo não pertence a ela. A Ema ao casar não sabia que o noivo seria o tipo de esposo que a traumatizaria, ela afirma “(...)Apenas sabia que o amava, (...) Que suas mãos no meu corpo por cima da roupa eram pacientes e cheias de carinho” (Horta, 1984, p. 17) O esposo de Ema demonstrava ser um homem carinhoso e respeitoso, o esposo carregava essa imagem de bom moço. Não é de imaginar que um homem gentil seja um agressor, porém, na noite nupcial a verdade é revelada “Mas quando ele me deitou nos lençóis e começou a despir à força, um pânico imenso tomou conta de mim.” (Horta, 1984, p. 17).

Apesar de estarem casados, o esposo não tinha direito nenhum de ser indelicado, Ema casou-se virgem, logo, tudo que aconteceu a seguir foi traumático, o esposo não pensou em uma maneira que poderia ser agradável para ambos, e Ema não conseguia dizer nada porque era o que mandava os costumes.

Por ser virgem tudo que Ema sabia sobre relação sexual foi através da amiga, dos colegas e também do barulho que vinda do quarto dos pais. A personagem conseguia ouvir o suspiro doloroso da mãe e o ruído rouco que o pai soltava, e isso a assustava. Para Ema o momento da relação sexual foi desagradável:

Comecei a gritar quando ele me afastou as pernas com as mãos inesperadamente duras e ásperas. Comecei a gritar e ele riu de troça enfiando-se em mim de um golpe: enorme, monstruoso, a abrir-me o corpo, rasgar-me a barriga, a matar-me como então supus. (Horta, 1984, p.18)

O esposo é tão rude que mesmo com os gritos de Ema, continua a querer saciar o próprio desejo. Quando um homem não respeita o tempo de uma mulher na hora do sexo é considerado uma violência sexual, mesmo quando são casados o homem não tem o direito de ser bruto e desrespeitoso com o corpo da esposa. Porém, essa ideia é distante da realidade de Ema, pois o marido não a respeitou e foi extremamente violento.

De acordo com Beauvoir (1970, p.67) “(...) não é porque simboliza a virgindade feminina que a integridade fascina o homem: é seu amor à integridade que torna preciosa a virgindade.” O fascínio do esposo a integridade o torna um homem repugnante, ele se torna desagradável para a esposa e o casamento que deveria ser um vínculo entre duas pessoas por causa do amor se transforma em tormento.

Depois do primeiro episódio de violência sexual outras ocorrem “- Vais fazer como eu quero. Quanto mais te defendes de mim melhor ainda sabe.” (Ema, 1984) o desejo de domínio

parece satisfazer o esposo e o sentimento que a Ema sente é: repulsa, raiva e medo. Principalmente medo, porque Ema sabia o que o esposo era capaz de fazer.

As memórias do trauma das personagens femininas na obra *Ema*(1984) estão relacionadas às experiências em relação a violência patriarcal. Cada uma delas tem uma característica que as diferencia “Com o seu cabelo quase negro na obscuridade do quarto está de braços nos lençóis enquanto ele a possui por trás. Ela detesta isso porque lhe dói” (Horta, 1984, p.45). Essa característica pode estar relacionada a mãe ou avó de Ema, na próxima página é apresentado a característica da personagem protagonista.

Ema chora. Os cabelos louros caídos pelas costas nuas estão húmidos de suor colados ao pescoço, nos ombros onde se vêem também as marcas das unhas dele. Não ousa levantar os olhos, fita-lo. Tenta esconder-lhe antes a pequena poça de sangue que alastrou no lençol. Une as coxas cheias de nódoas negras. Fecha-as com toda a sua força mas ele ri e entreabre-as de novo. (Horta, 1984, p.46)

Essa diferença em relação ao cabelo apresenta que as personagens não são as mesmas, porém, elas estão passando pela mesma situação de violência sexual, e continuando nas características outra descrição é “O cabelo cortado curto, crespo, do tom do cobre fechado” (Horta, 1984, p. 121) que é sobre a mãe de Ema.

Ao afirmar que as memórias da mãe, avó e da Ema estão presentes na narrativa e carregam as mesmas memórias do trauma, isso quer dizer que elas estão de fato interligadas em relação a violência patriarcal:

Segundo Maurice Halbwachs (2006) estamos imersos também numa dimensão coletiva da memória e, através de nossas memórias incorporadas, vamos construindo nosso arsenal perceptivo do que sejam real e ficcional. Sendo assim, o real também está condicionado ao filtro do imaginário para constituir-se como “realidade” e ser percebido como tal pelo sujeito cognoscente” (Maurice Halbwachs, 2006, apud Luíza Chaves, 2014, p.69)

A memória nos estudos de Halbwachs é uma memória coletiva e também seletiva, logo, não se pode confiar nela decididamente, ela atua entre a lembrança e o esquecimento, e pode estar condicionado ao filtro da imaginação fazendo com que o sujeito aceite essa memória como verdadeira. A memória seja ela individual ou coletiva nunca serão os mesmos, é praticamente impossível oferecer a mesma versão sem que haja resquícios do esquecimento ou a existência de novas personagens. Na obra *Ema* (1984) as narrativas são através das memórias, e por serem memórias traumáticas é difícil dizer se elas tenham alterações, porque a avó, a mãe e a Ema compartilham das mesmas vivências.

1.4 SUBALTERNIDADE E LOUCURA: CAMINHO PERCORRIDO

As violências deixam marcas na mente da vítima e tornam-se memórias desagradáveis ou até mesmo traumáticas, tanto a mãe quanto a Ema são exemplos disso. A mãe de Ema foi internada em um hospital psiquiátrico, o esposo não estava suportando uma esposa histérica. “Deram-lhe electrochoques - contaram-me mais tarde os médicos. O meu pai manteve-a lá até morrer numa indiferença feroz e gélida ao mesmo tempo.” (Horta, 1984, p. 135) O pai de Ema não se importa, não consegue entender que o motivo da esposa estar louca são as consequências dos abusos. O esposo a traumatiza e nele não existe nenhum resquício de arrependimento.

A diferença da loucura da mãe e da filha, é que a mãe de Ema optou pela tentativa de suicídio “Os pulsos justos, ajustados aos ferros da cama por duas correias. O pai apenas lhe disse seco: - sua mãe tentou matar-se.” (Horta, 1984, p.121) O motivo da tentativa pode ser associado à infelicidade dentro do casamento, à submissão e ao medo. A mãe de Ema também carrega traumas que a violência patriarcal causou nela. Enquanto os traumas de Ema surgiam em pesadelos:

Acorda às vezes aos gritos sentada na cama a sobressaltar toda a casa. Um suor pequeno e frio humedecendo-lhe o corpo, a raiz dos cabelos, a cara. Depois de acordada grita ainda presa de um pavor que não a larga. Que não a deixa: pertinaz. (...) Ela nunca se lembra daquilo que sonha. (Horta, 1984, p.26-27)

Sonhar é completamente normal, ter pesadelos também, mas, quando os pesadelos são frequentes e causam reações como da Ema é uma situação que precisa de atenção. Pelo histórico de Ema há um problema que a incomoda, e como ela não consegue expor seus sentimentos o corpo reage. A explicação genérica do trauma segundo Cathy Caruth (2000, p.110) é que “(...) o trauma é descrito como a resposta a um evento ou eventos violentos inesperados ou arrebatadores, que não são inteiramente compreendidos quando acontecem, mas retornam mais tarde em *flash-backs*, pesadelos e outros fenômenos repetitivos.”

Quando Ema foi reprimida e violentada, ela precisou guardar todas as lembranças e sentimentos de angústia, raiva e tristeza. Por não conseguir falar sobre isso com alguém, as memórias traumáticas voltam como pesadelos.

O trauma como descrito por Cathy Caruth (2000) é sobre a memória. O trauma faz a vítima voltar para aquele momento de horror, sentir que está em perigo e sozinha. O patriarcado transforma mulheres fortes em subalternas e solitárias.

Ema por muito tempo foi reprimida e a atitude de matar o esposo é o ápice da loucura, porém, quem a socorreria se dissesse a verdade sobre as violências? Quem acreditaria em uma mulher que tem um histórico de loucura na família? Ema, estava sozinha. Os criados não

ousavam socorrer Ema quando o esposo a violentava, pois, aceitavam apenas as ordens do chefe; o que restava para Ema era aceitar a posição de subalternidade, mas Ema estava exausta de passar por tanta humilhação.

A busca por independência chega ao fim quando Ema excuta o plano de assassinar o esposo: “No início Ema não luta, não sente nada, não deseja nada. Mas a sua mão, embora ainda sobre a secretária, aperta já a faca, doendo. E não sabe como nem quando a levanta e crava no pescoço dele a lâmina afiada.” (Ema, 1984, p. 66), ela havia planejado todo o crime e o ponto chave foi a carta escrita por ela, o assassinato dele foi a saída que ela encontrou.

Ema não estava arrependida “Que crime? Que fiz eu de mal?” (Ema, 1984, p. 79), ela sabia que se continuasse aceitando a subalternidade ela teria o mesmo fim da mãe ou da avó, e para quebrar esse destino preferiu assassinar o esposo “A tua morte em vez da minha morte. Não achas curioso como eu afinal consegui inverter os acontecimentos?” (Horta, 1984, p. 81) e essa sensação de finalmente quebrar esse destino que a esperava traz para ela a sensação de alívio, mas também a dúvida, pois, ela foi tão traumatizada que a morte do marido causa esse estranhamento.

Ema diz: “Será que vou ter descanso? Que vou conhecer a paz? Quando lhe enterrei a faca no pescoço não senti nada, mas depois quando o vi caído no tapete veio-me uma grande alegria. Alívio.” (Ema, 1984, p. 60) Ema estava finalmente livre das violências, porém, a atitude de matar o esposo não é aceitável, mesmo quando existem motivos para o assassinato.

A morte do esposo é a consequência de todas as violências, esse foi um dos motivos pela qual Ema se torna assassina, os outros motivos são: a) O desejo de tentar viver uma vida que o marido não pudesse controlar e b) buscar por independência, motivos simples, mas, para Ema era um desejo distante porquê quando o esposo estava vivo, ele controlava tudo que esposa fazia ou tentava fazer.

Com a morte do esposo Ema se depara com outra situação que causa nela uma vontade de rir:

Afinal, penso que até hoje ninguém me acreditou, nem o meu próprio advogado. Julgam que escondi a verdade, que tento esconder ter enganado o meu marido. E o que tem mais graça é que foi uma coisa que nunca me preocupou. Pelo contrário como você sabe. Afinal ele humilhou-me tanto! E tantas vezes repare! Aquela indiferença todos os dias, como se nem me visse, enlouquecia-me. (Horta, 1984, p.105).

Ninguém consegue acreditar que uma mulher seja capaz de assassinar o próprio esposo, nem mesmo o advogado de Ema entende a capacidade e coragem de uma mulher para cometer um crime. Pensam que a Ema está escondendo o verdadeiro culpado, mas ela continua a afirmar ter assassinado o esposo. “Liberdade condicional sabe o que é? Não lhe dá vontade de rir?

Talvez seja o que vou conseguir depois do julgamento.” (Horta, 1984, p.106). Como previsto, após assassinar o esposo, Ema tem a própria liberdade, mas por ser traumatizada continua a sentir a presença do esposo na casa. Ema carrega com ela a dor de uma mulher que por muito tempo foi machucada.

Essa narrativa da memória e do trauma apresenta o desgosto que as personagens femininas sentem em relação aos maridos. A obra *Ema* (1984) apresenta a violência sexual dentro do casamento, o poder de domínio do esposo, a subalternidade das mulheres dentro de casa, e principalmente a busca pela independência que nem sempre é como esperado, a mãe de Ema parou no hospital psiquiátrico, a avó assinada e a personagem protagonista tornaram-se assassinas. A mulher perante ao homem é o OUTRO, não existe igualdade, mas existem manifestações contra o sexismo, o patriarcado e a violência e projetos sobre a igualdade de gênero, para que a sociedade entenda que a mulher também faz parte desse mundo.

2. ABANDONO E O TRAUMA: AS CONSEQUÊNCIAS DE UM CASAMENTO INFELIZ.

Na obra *Desamparo* (2016) tem uma personagem feminina chamada Jacinta que foi raptada pelo pai para morar no Brasil “Eu nunca fui um bebê. Eu fui raptada, a mãe de meu pai morreu no parto, e meu pai determinou que também eu ficasse órfã de mãe, como ele.” (Pedrosa, 2015, p.20) Esse trauma da perda a seguiu em toda a sua trajetória, mas outro ponto é o trauma que o pai de Jacinta tem, ele preferiu que a filha fosse órfã de mãe, porque ele também foi.

O pai Artur Sousa, ao planejar vir para o Brasil, tira a filha Jacinta da mãe, porque a esposa não queria acompanhá-lo. Com a decisão, Arthur Sousa ao chegar no Brasil entrega a filha Jacinta para uma mulher galega rigorosa, chamada Dona Ánxela, a esposa do avô Antônio para criá-la. Apesar de ser o pai de Jacinta, Arthur Sousa não tem cuidado com a filha, ele não é o pai protetor que uma filha precisa, principalmente depois de mudar para um novo país.

Com treze anos, Jacinta passa por um episódio que a traumatiza, um senhor libanês chamado Samir que morava de aluguel em um dos quartos da casa de Dona Ánxela e aparentava ser um bom homem, agarra a jovem Jacinta quando ela estava distraída:

Eu estava lavando a loiça na cozinha e o homem veio avançando para mim, chegando-se cada vez mais, empurrando me contra a parede do lavatório, arfando. Eu sentia aquela respiração assustadora crescendo, aquele corpo encurralando-me, as mãos apalpando-me, aquela boca cheirando a álcool (...) respirando no meu pescoço, e vi um futuro muito turvo à minha frente. Deduzi que naquele dia mais essa fatalidade ia marcar a minha vida: perder a virgindade para um inquilino da casa e ficar sem o resto

de brio que ainda me sobrava, a minha honra de mulher pura. Eu já não me debatia e começava a ceder. (Pedrosa, 2016, p. 32)

A personagem consegue sair dessa situação ao gritar que não tinha mãe, com isso o assediador sai correndo. Jacinta sente falta de ter uma mãe, ela não tem a quem pedir ajuda, a vulnerabilidade de Jacinta é tão grande que o homem chamado Samir quase a violenta sexualmente. Jacinta não tem um responsável que fique de olho nela e queira protegê-la. Não se sabe o que aconteceu depois, se ele voltou para casa ou não, pois, a narrativa segue, e por ser uma memória do trauma, essa lembrança vem através de um pesadelo.

Aos dezessete anos Jacinta conheceu Álvaro Calvário, com dezoito casou-se com ele, era um homem adorável, mas com o passar do tempo tornou-se bruto, em consequência disso houve a separação. Aos vinte e poucos, no auge da juventude, ganhando dinheiro e sendo reconhecida pelo trabalho de modista, Jacinta conhece Ramiro. O futuro esposo a quem ela amou e por quem sofreu muito.

A semelhança que existe entre o primeiro e o segundo esposo de Jacinta são os maus-tratos. Jacinta antes de morrer, têm um último sonho com primeiro marido o Álvaro Calvário “(...) o homem ao lado da qual foi rica e infeliz (...) o homem que lhe proporcionara cursos de música e de canto, motorista pessoal, traições e tareiras...” (Pedrosa, 2016, p. 122) Jacinta apesar de usufruir da vida luxuosa, não era feliz pois ele também não era o tipo de homem que a respeitava.

Depois de dez anos de casamento Álvaro Calvário começou a ser um péssimo esposo “Depois entrou em cena a comitiva das amantes e do maus-tratos, até a separação” (Pedrosa 2016, p.123) O primeiro marido de Jacinta aparentava ser bom um homem, pois incentivava a esposa a estudar para que ela não se sentisse solitária. Mas depois se revelou um péssimo esposo e um fato importante é que na década de cinquenta no Brasil ao se separarem os ex-cônjuges eram impedidos de realizarem novos casamentos.

Ramiro e Jacinta nunca casaram, mas isso não os impediu de ficarem juntos e construírem uma família. O segundo casamento se resumia no amor de Jacinta e as traições de Ramiro. As traições causaram na personagem uma fragilidade “Eu sentia-me um lixo, uma gorda sem graça” a independência que ela sentia pelo marido a tornou sexista, o sentimento de inferioridade vem sendo construída desde a infância de Jacinta. Para Bell Hooks (2018, p.13) “(...) nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Como consequência, mulheres podem ser tão sexistas quantos homens.” Jacinta foi sexista depois de muitas traições do Ramiro, mas a criação de Jacinta

também não ajudou para que ela se sentisse autossuficiente, não havia quem pudesse ajuda-la para se sentir melhor.

2.1 JACINTA: MEMÓRIA, TRAUMA E ABANDONO.

Jacinta foi uma criança, adolescente e adulta subalternizada, ao passar por todos os maus-tratos, seja os infligidos por Dona Ánxela e os impostos por Álvaro e Ramiro e aceitar isso por um período longo da vida a torna subalterna, porém, ela procurava preencher o trauma do abandono que foi causado tanto pelo pai quanto pela mãe, através do marido. Ela teve filhos, mas isso não era suficiente, ela precisava saber que era amada pela mãe e por esse motivo ela abandonou tudo e voltou para Portugal “Teria afinal uma mãe só para mim. Sou uma ave rara, uma filha única que nunca recebeu mimo. O amor dos homens e dos filhos não substitui o amor de uma mãe...” (Pedrosa, 2016, p. 68) D. Ánxela, quem a ensinou sobre costura, mas também a maltratava, não era amor de mãe. Jacinta cresceu procurando preencher essa parte perdida da infância, e é por isso que ela volta para Portugal, para tentar curar essa ferida do passado. Nora (1993, p. 20) declara que:

Nossa percepção do passado é a apropriação veemente daquilo que sabemos não mais no pertencer. Ela exige a acomodação precisa sobre um objeto perdido. A representação exclui o fresco, o fragmento, o quadro conjunto; ela procede através de iluminação pontual, multiplicação de tomadas seletivas, amostras significativas.

Jacinta ao voltar para Portugal com o objetivo de cuidar de uma mãe que não via a muito tempo, preenche os momentos em que esteve longe. Somente na vida adulta que Jacinta vai conseguir ter um pouco de carinho de mãe, ela vai criar momentos e sentir o cheiro da mãe. Para Nora (1993) o passado são lembranças que não possuem nada, apenas imagens, o passado em *Desamparo* (2016) vem atrás das memórias que a personagem Jacinta força para lembrar, ao voltar para o passado, a personagem pode ter esquecido de muitas situações por quais passou ou até mesmo mudar a narrativa de como realmente aconteceu.

2.2 IDENTIDADE PRECARIZADA E A VIDA FRAGILIZADA PELA MISÉRIA.

Jacinta Sousa, nasceu em Portugal, mas cresceu no Brasil. A que lugar Jacinta pertence? Na pátria que ela foi acolhida ou no país porque voltara após anos distante? As respostas para os questionamentos é que Jacinta é portuguesa, mas também Brasileira. Não importa quanto tempo ela tenha vivido no Brasil, Jacinta continua a ser portuguesa, faz parte da identidade. Porém, o fato de morar por tanto tempo longe de Portugal, faz com que questionem a identidade dela.

No Brasil, eu sempre fui a Portuguesa; em Portugal, passei a ser a Brasileira- está no caderninho da conta da mercearia do meu primo Zé Paulo, que não me deixa faltar nada porque sabe que eu pago: não está Jacinta Souza, está escrito “Brasileira”. (Pedrosa, 2016, p. 23).

Ser brasileira ou portuguesa, faz parte de Jacinta. Ela cresceu em meio a cultura brasileira, é normal que ela tenha outros hábitos. Mas invalidarem a nacionalidade dela por ser “diferente”, não justifica a falta de respeito. Jacinta não escolheu sair de Portugal por conta própria para morar no Brasil e aos poucos perder os costumes e se transformar em uma “verdadeira brasileira”. De acordo com Zygmunt Bauman (2005, p. 19)

Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras inflamadas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente.

Por crescer no Brasil, Jacinta carrega um pouco na identidade os costumes brasileiros, mas isso não tira dela a nacionalidade portuguesa. E ter um sotaque abasileirado é uma consequência do tempo que Jacinta e o filho Raul viveram no Brasil. “Culpado, como eu, de ter duas pátrias e não encontrar compatriotas em nenhuma. Culpado por ser pobre, num país de pobres, e com sotaque errado. “O brasileiro” em Portugal. (Pedrosa, 2016, p.26) Essa culpa de não conseguir se encaixar é uma revolta para Jacinta, e mesmo com “duas pátrias” ela continua a se sentir deslocada.

Raul é um arquiteto que não consegue encontrar uma oportunidade de trabalho em Portugal por ter um sotaque brasileiro. E por causa disso, acaba sofrendo as consequências do desemprego. Mesmo, com essas injustiças contra Raul, o personagem continua a gostar de Portugal. É como ele escolheu viver, diferente da mãe. Raul nasceu no Brasil, foi para Portugal e ficou encantando com o lugar. A pobreza e o desemprego não o tiraram de Portugal, pois é um lugar que ele sentiu que pertencia. E com o mínimo para sobreviver ajudava a mãe idosa que morava sozinha.

(...) se não fosse o Raul, eu já me teria finado há muitos e muitos anos, que é com este filho e só com ele que tenho contado, que há décadas vivo todos os meses da ajuda dele, porque com a pensão de sobrevivência de duzentos e trinta euros mensais eu não pagava as contas todas da casa.” (Pedrosa, 2016 p.)

Raul ajudava a mãe e fazia o que podia para mantê-la. O filho se preocupava e era o único que tinha esse cuidado com a mãe, enquanto Rafael e Rita estavam ocupados com as

próprias vidas esquecendo que tinham uma mãe. Jacinta também contava com a ajuda do Centro Social e apoio da Amiga Alice que é uma moçambicana, que está longe de sua terra “Não havia um só dia que não fosse ver o mar, que lhe lembrava a felicidade de sua vida em Moçambique.” (Pedrosa, 2016, p. 97) Uma personagem que sente falta da pátria.

Amizade entre Alice e Jacinta era de cuidado, ambas são mulheres que eram atenciosas uma com a outra e se entendiam. Jacinta era uma amiga a quem Alice tinha um carinho muito grande “No entanto, pensava agora Alice, mesmo quando parecia não dizer coisa com coisa, Jacinta fazia mais sentido e tinha mais graça do que a maioria dos habitantes da aldeia.” (Pedrosa, 2016, p. 98). Jacinta conhecia muita gente, mas, não eram todos que a ajudavam. Ela tinha um bom coração, evitava problemas. Mesmo sendo uma pessoa gentil, Jacinta continuava a passar por momentos ruins.

2.3 SONHOS E SUBALTERNIDADE: OS DESEJOS PERDIDOS DE VANESSA

Vanessa é uma personagem que luta pela sobrevivência e tem um papel importante na narrativa porque a história dela faz uma denúncia sobre violência contra mulher. E Vanessa tem um pequeno laço com Raul, eles se conheceram através da danceteria Princesa “Vanessa percebeu: vimo-nos duas vezes, uma dança apenas uma conversa no carro e nunca mais me atendeu o telefone” (Pedrosa, 2016, 186). Não aconteceu nenhum tipo de relação, mas tiveram uma conversa bastante produtiva.

E para conhece-la melhor no capítulo intitulado “Um corpo que dança” o narrador conta a história de Vanessa, uma mulher que adorava dançar, no tempo livre ia para a danceteria Princesa, trabalhava bastante em tudo para ajudar a manter a casa “Vai trabalhando onde calha: limpa terrenos, apanha fruta, mata frangos e coelhos, o que houver.” (Pedrosa, 2015, p. 54) Vanessa é uma mulher trabalhadora, que faz o que pode pela sobrevivência, mora com a mãe que tem uma perna paralisada e a filha Cátia, mesmo trabalhando Vanessa não é livre, a ideia que o trabalho liberta não é verdade na situação de Vanessa.

Quando as mulheres trabalham para ganhar dinheiro a fim de consumir mais em vez de melhorar a qualidade de nossa vida em todos os níveis, o trabalho não leva à autossuficiência econômica. Mais dinheiro não significa mais liberdade, se as finanças não estiverem voltadas ao bem-estar. (Bell Hooks, 2022 p.88)

A preocupação de Vanessa é de cuidar da mãe, da filha e da casa, para que elas possam sobreviver. Vanessa não tem muito o que aproveitar do dinheiro que ganha porque o mínimo que ela tem é para os cuidados da mãe e da filha. Vanessa só desfruta da liberdade quando saía para dançar na danceteria Princesa, pois para mulheres desacompanhadas era de graça.

O filho de Jacinta, Raul, conheceu Vanessa na danceteria e ela lhe contou que o principal desgosto era de não conseguir trabalhar no supermercado Super Barato, por não ter completado o nono ano. Raul propôs ajuda-la, mas Vanessa não tinha muita paciência. O sonho de Vanessa era ser cabeleireira para ajudar as mulheres a se sentirem bonitas, porém, se sentiria satisfeita na caixa de um supermercado, porque ela poderia ver muitas pessoas e conversar. Um sonho que para alguns não é tão importante, mas para Vanessa seria uma grande ajuda.

Os relacionamentos de Vanessa não foram nada agradáveis. O motivo do término do relacionamento com Sérgio foi a exaustão de Vanessa em relação às agressões, Sérgio agredia a Vanessa todos os dias, ela teve “Três partos sucessivos, porque Sérgio se recusava a usar preservativo e dizia que a pílula fazia mal à saúde e era coisa para mulheres de má vida.” (Pedrosa, 2016, p. 55). Sérgio é um homem bastante conservador e violento. Ele controla o corpo de Vanessa e também pratica a violência física. A ideologia de Sérgio em relação ao preservativo e as pílulas é desnecessário “Em geral, homens consideravam sexualmente soltas as mulheres mais conscientes sobre o controle de natalidade. Era mais fácil para algumas das mulheres deixar as coisas acontecerem durante o sexo e mais tarde cuidar do “problema” com um aborto” Bell Hooks (2022, p.54).

Homens com ideologias sobre mulheres que não querem engravidar, que tomam anticoncepcional ou preferem usar preservativos são para homens irresponsáveis, mulheres soltas e sem nenhum caráter. Quando na verdade elas estão certas em querer ter relações sexuais com responsabilidade. Vanessa ao acreditar na ideia do Sérgio, perde o direito sobre o próprio corpo. Não são todas as mulheres que querem ter filhos, algumas desejam ter filhos, mas no momento certo para elas, e Vanessa não estava pronta para ter filhos.

O segundo homem com quem Vanessa teve um relacionamento infeliz foi Gaspar, não tão diferente do primeiro ele a espancava e tiveram juntos uma filha chamada Cátia, porém, ao se separarem, Gaspar não quis mais saber da filha. Depois desse episódio conheceu Manuel pela internet, após, três meses Vanessa percebeu que o Manuel a via apenas como empregada e também lhe batia. Vanessa começou a pensar que havia nela algo que fazia os homens serem tão violentos com ela, e a mãe dela disse que “os homens nasciam já com uma fúria que tinham de descarregar nas mulheres, a mesma fúria que os levava para as guerras...” (Pedrosa, 2016, p. 55). O que é uma grande mentira, Vanessa conhecia mulheres que não sofriam como ela em relação aos companheiros, considerou que o motivo de lhe baterem era por sentirem ciúmes e medo de perde-la para outro homem.

Segundo Beauvoir (1970, p.72) “para nós, mulheres define-se como ser humano em busca de valores no seio de mundo de valores, mundo cuja estrutura econômica e social é indispensável conhecer (...)”. Vanessa é uma mulher que lutou pela sobrevivência dela, da mãe e filha, questionava sobre as agressões que sofreu e transformou isso em coleção de medalhas “Não tinha vergonha que lhe batessem; contava as suas histórias de brutalidade repetida como se fizesse desfilar uma coleção de medalhas”. (Pedrosa, 2016, p.56) Vanessa justificava a violência como ato de amor para se vangloriar. Ela precisava de uma justificativa que não a deixasse triste. Não aceitar a violência como errado é o mesmo que colocar uma venda nos olhos.

2.4 SILENCIAMENTO: O CORPO QUE JÁ NÃO DANÇA.

O capítulo “A caçada” narra a forma como Vanessa é assassinada pelo ex-namorado Gaspar, que a vê em uma das noites na danceteria Princesa, “Gaspar travou com as coxas as pernas magras da sua vítima e estrangulou-lhe o pescoço com as duas mãos”. Essa falta de aceitação do parceiro em relação ao término do relacionamento é uma das causas da morte de muitas mulheres, pois, para o parceiro a namorada ou a esposa é propriedade dele.

A violência patriarcal é principalmente pelo sexismo e domínio, Vanessa é uma vítima do patriarcado, ela foi uma mulher que buscava em um relacionamento alguém que pudesse ajuda-la, mas isso não ocorre. Não é culpa de Vanessa se todos os homens com quem ela teve um relacionamento fossem homens patriarcais ao ponto de espanca-la e faze-la empregada. Vanessa é apenas uma das tantas mulheres que buscavam alguém para se sentir segura e encontrou o que não esperava, e ao perceber que o relacionamento não estava indo terminava, algumas mulheres não conseguem. Vanessa não tinha independência, não tinha o ensino fundamental completo, mas foi corajosa em sair dos relacionamentos que a humilhava.

Vanessa é uma mulher muito forte, só por sair dos relacionamentos desagradáveis, trabalhar bastante para sustentar a família. Gaspar não tinha o direito de matar só por não aceitar o término do relacionamento. A morte de Vanessa é muito injusta e não houve justiça alguma em relação ao assassinato, o processo foi arquivado. Muitas mulheres não tem a justiça que merecem, são esquecidas, como Vanessa, mas Gaspar teve um fim:

A multidão estática ergue-se então numa ondulação de fúria; meia dúzia de homens pegaram em Gaspar, ergueram-no sobre os ombros e levaram-no para a sala de bilhar, despejando-o sobre a mesa, sem lhe soltarem os membros. A turba investiu em conjunto: enquanto uns lhe seguravam braços e pernas, outros espancavam-no com as próprias mãos ou com os tacos do jogo, na cabeça, no peito, no sexo, nas pernas. (Desamparo, 2015, p.255)

O corpo de Gaspar foi encontrado quatro dias depois debaixo de uns arbustos, apesar do assassinato de Gaspar, a personagem Vanessa nunca teve uma justiça digna, a história dela foi apagada. E essa história se repete o tempo todo, muitas mulheres são violentadas e mortas por ex-namorados, ex-maridos, pai e desconhecidos. Se existe justiça é com muita determinação, se alguma violência acontece com uma mulher a culpa totalmente cai sobre ela, as mesmas desculpas sobre a roupa ou o comportamento “ousado”. A culpa quase nunca é do homem descontrolado, é da mulher que não se dá o respeito.

Vanessa foi uma grande mulher apesar de ter um destino tão triste, e o feminismo luta contra a violência patriarcal, não espalhando o ódio contra o homem, mas tentando fazer todos entenderem que é possível ter um ambiente agradável se todos estiverem dispostos a mudar o comportamento e sair da ideia do patriarcado.

3. A DOMINAÇÃO E A SUBALTERNIDADE EM *EMA* (1984) E *DESAMPARO* (2016)

A obra *Ema* de Maria Teresa Horta (1984) têm trinta e um anos de diferença da obra *Desamparo* de Inês Pedrosa (2016). Mesmo com uma diferença grande de tempo entre as duas obras portuguesas, elas apresentam temas como: feminicídio, violência, subalternidade e a busca por independência.

O crime de feminicídio acontece na obra *Ema* (1984) com o assassinato da primeira Ema, ou seja, a avó. Em *Desamparo* (2016) com a morte da Vanessa. Duas mulheres que tiveram a vida interrompida. A causa da morte da primeira Ema não é mencionada e não se sabe quais foram os reais motivos que levaram o esposo a cometer um crime tão desprezível, porém, em hipótese seria porque o marido é um homem patriarcal que acredita que o amor o torna inconsciente, fraco e descontrolado, mas essa ideia não justifica o assassinato. Quanto a causa da morte de Vanessa é o estrangulamento, o culpado é o ex- companheiro, Gaspar, por não aceitar o término do relacionamento e todas as atitudes de Vanessa, que para ele são para difama-lo. Essa ideia o deixa irritado, mas Vanessa é uma mulher solteira, logo, ela não precisa justificar nenhuma atitude para o Gaspar. A morte de Vanessa é tão desnecessária quanto à de Ema.

Em *Ema* (1984) e *Desamparo* (2016) a violência é em sua maioria praticada pelo homem. Cada Ema teve um esposo violento, Jacinta também e Vanessa teve ex-companheiros agressivos. A diferença da violência que cada personagem feminina mencionada sofre é que

cada Ema sofria violência sexual, quanto Jacinta sofria maus-tratos e Vanessa era violentada fisicamente. De acordo com Bell Hooks (2022 p. 74)

A violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva. Essa definição estendida de violência doméstica inclui a violência de homens contra mulheres(...). O termo “violência patriarcal” é útil porque, diferentemente da expressão “violência doméstica”, mais comum, ele constantemente lembra o ouvinte que violência no lar está ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina.

Os pensamentos sexistas dos esposos são apenas um dos grandes problemas na vida das personagens femininas já mencionadas. Os esposos tinham um controle em relação as esposas como é apresentado na obra *Ema* (1984). Em *Desamparo* (2016) o esposo de Jacinta, Ramiro, tinha controle em relação à esposa por causa da paixão que ela sentia por ele. Já o ex-companheiro de Vanessa, o Sérgio, controlava o corpo da ex- companheira, ele não usava preservativo e não permitia que a Vanessa usasse pílulas, por achar que “era coisa de mulheres de má vida” (Pedrosa, 2016, p.55). E Vanessa ao acreditar nas palavras de Sérgio não usava.

A dominação masculina subalterniza as três mulheres chamadas Ema, Jacinta e Vanessa. As personagens femininas da obra *Ema* (1984) são subalternizadas, a terceira Ema é educada desde criança a ser submissa. Quanto as personagens de Inês Pedrosa, Jacinta Souza por exemplo foi subalternizada ao decorrer da criação, ela precisava ser dócil com a D. Ânixela, pois a mãe de criação a maltratava. Vanessa é subalternizada ao ponto de acreditar que as violências físicas era uma forma dos ex-companheiros demonstrarem o amor que eles sentiam por ela. A semelhança entre Vanessa e a terceira Ema é que as duas não tinham um apoio materno. Enquanto a mãe da terceira Ema ri da situação da filha a mãe de Vanessa diz: “(...) os homens nasciam já com uma fúria que tinham de descarregar nas mulheres, a mesma fúria que os levava para as guerras (...)”. (Pedrosa, 2016, p. 55). Justificando a violência contra a mulher e demonstrando como a mãe de Vanessa também tem um pensamento patriarcal.

A busca por independência também é um tema que configura as personagens femininas das duas obras. A terceira Ema buscava essa independência, para isso assassinou o esposo, Jacinta casou-se aos 18 anos para fugir dos maus-tratos da D. Ânixela e Vanessa sonhava por uma independência que pudesse fazê-la feliz, o sonho de ser uma cabeleireira ou apenas uma atendente do supermercado. Bell Hooks (2002, p. 63) afirma: “(...) aprendi com minha própria experiência que trabalhar por salários baixos não libertava mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina.”. Jacinta e Vanessa trabalhavam, mas, não era suficiente, tudo que elas conseguiam era sobreviver, diferente do que é apresentado pela terceira Ema que o esposo a sustentava.

As mulheres, sejam personagens, sejam históricas, continuam sua luta por direitos, por respeito, por igualdade e por autonomia. Nessa luta, a literatura exerce um papel importante, uma vez que na contemporaneidade as escritoras tem se mostrado sensíveis à luta das mulheres e engajadas em denunciar a sociedade conservadora e patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a subalternidade do gênero feminino nas obras portuguesas *Ema* (1984) e *Desamparo* (2016) torna a pesquisa bastante gratificante. A subalternidade das mulheres surge através do grupo familiar e tudo que acontece a seguir foram as consequências dessa educação. Ou seja, a família é a primeira a subalterniza as mulheres nas obras *Ema* (1984) e *Desamparo* (2016) e quem as educa as tornam submissas, porque as mães ou mãe de criação também foi ensinada desse modo, só estão repetindo as mesmas atitudes, criando assim um ciclo vicioso que muitas não conseguem sair, como aconteceu com a primeira e a segunda Ema.

E todas essas vivências de subalternidade foram analisadas através das memórias do trauma das personagens femininas. As memórias em *Ema* (1984) apresentam os episódios de violência sexual sem nenhuma censura, deixando bem explícito o desconforto de cada Ema. Nas memórias de Jacinta, personagem feminina de *Desamparo* (2016) ela volta para o momento das traições, maus-tratos e do assédio sexual por um homem mais velho.

O contexto histórico e a memória coletiva são influenciadores para a construção do sexismo. O momento da feitura da obra é relevante para a História, pois, assim existirá entendimento dos fatos ocorridos naquele período. A memória coletiva está sujeita ao esquecimento ou ao campo da imaginação, logo, o sexismo na memória coletiva está ligada aos momentos que já aconteceram. Como é retratado na obra *Ema* (1984) que todas as mulheres passaram pelas mesmas situações de violência.

Todo do percurso da pesquisa, confirma que literatura e a história possuem uns papéis importantes, como Sandra Jatahy Pesavento (2007) afirma. As obras portuguesas *Ema* (1984) e *Desamparo* (2016) são narrativas de períodos completamente distantes, mas abordam temas significativos. São fictícias, mas se aproximam de alguns fatos da realidade. A literatura tem a delicadeza de expor uma situação de violência, com cuidado e reviravoltas, o contexto de história é importante porque mostra que a mulher em qualquer século pode ser uma vítima da violência patriarcal.

A violência patriarcal silencia a mulher e a faz entender que está tudo bem ser subalterna, que esse é o destino dela. Porém, Bell Hooks (2022) e Simone Beauvoir (1970)

afirma que a mulher ao nascer é ensinada a aceitar a inferioridade, mas essa educação é incorreta, homens e mulheres precisam ter os mesmos direitos. A mulher não pode ser considerada como OUTRO. A sociedade tem muito a evoluir.

REFERÊNCIA

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman**; Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: Fatos e mitos 4 ed.** São Paulo: Difusão Européia do livro, 1970.

CHAVES SANTANA, Luiza. **Memória e Ficção: em meio aos descolamentos literários.** Belo Horizonte: Banco central do Brasil, 2014.

CARUTH, Cathy. In. NESTROVSKI, Arthur. SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs). **Catástrofe e representação: Ensaio.** São Paulo: Escuta, 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: A problemática dos lugares.** São Paulo: Proj. História, 1993.

PEDROSA, Inês. **Desamparo.** São Paulo: LeYa, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historia & Historia Cultural 3ªed.** Belo Horizonte: Autentica, 2007.

HORTA, Maria Teresa. **Emma 1ª ed.** Dom Quixote: Alfragide, 2017.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras 18ªed.** Tradução: Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.